

**UM NOVO FÔLEGO HUMANISTA:  
UMA CIVILIZAÇÃO CIBERNÉTICA NO TERCEIRO MILÉNIO\***

**ALEXANDRE LIBÓRIO DIAS PEREIRA**

1. Vivemos, actualmente, na chamada *Era da Comunicação*. O progresso científico-tecnológico transformou este nosso Mundo numa pequena Aldeia Global, dotando o Homem não apenas da possibilidade de dar a Lua de presente aos seus filhos, mas também do poder de autodestruição enquanto espécie (pense-se nas «adormecidas» ogivas nucleares e nas armas bioquímicas), e ainda na possibilidade de criar o Frankenstein perfeito através de manipulações genéticas e de duplicar formas de vida humana (pense-se na clonagem de embriões humanos).

Além disso, o progresso científico-tecnológico tornou possível a comunicação em tempo real à escala mundial e, quase, uma virtual viagem no tempo. À panóplia de meios de comunicação já existentes, como a televisão, a rádio, a imprensa, o vídeo, para não falar já no telégrafo e no telefone, vieram juntar-se outras tantas invenções como os satélites, os computadores e sistemas informáticos, os faxes, o correio electrónico, a Internet, etc., naquilo a que se designam as auto-estradas da informação e da comunicação.

É a Revolução das tecnologias da informação uma autêntica marca do nosso tempo, atirando para segundo plano os problemas do tráfico de armas nucleares, dos desastres ecológicos, do terrorismo, da engenharia genética, etc. A “Terceira Vaga” de que somos protagonistas, e na qual somos surpreendidos, conduz-nos, no limiar do terceiro milénio, a uma *Telecomunidade*, i.e. uma Civilização Cibernética, a qual poderá carregar no seu ventre o gérmen da robotização do Homem.

2. É um lugar comum a afirmação de que o Homem só se compreende e reconhece enquanto ente comunicante (*homo communicans* ou, também, *loquens*), que vive com os outros, i.e. na comunidade. Ora, na teia de relações comunicativas que tece e em que é surpreendido, o Homem orienta-se por um código de signos que o precede: a linguagem. A linguagem que interioriza modela o seu pensamento e o seu agir, traduza-se ele num juízo

---

\* Rua Larga 22, 2008, 20-22 (Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra). Este texto corresponde, no essencial, a um excerto da intervenção “Abril revisitado: dos cravos da revolução aos escravos da comunicação?” produzida pelo autor num colóquio comemorativo do 25 de Abril de 1974, realizado na Biblioteca Municipal de Cantanhede.

valorativo, num raciocínio lógico-matemático, num devaneio do sonho ou numa obra de engenho.

Numa palavra, é em linguagem que comunicamos, herdando e instituindo sentidos sobre nós próprios e sobre o meio que nos rodeia. Pelo que a nossa vida com os outros é modelada pela linguagem, i.e. pelo código de signos que gravita no universo que nos entretece. Nesta ordem de ideias, pode dizer-se, com propriedade, que quem domina a nossa linguagem controla o modo como comunicamos, como vivemos uns com os outros, enfim, como agimos. Por isso dizem os cientistas da linguagem que o poder se inscreve e se exerce na linguagem em que comunicamos.

Ora, se esta linguagem for reduzida a um conjunto de signos técnicos, ou seja, a signos cujos sentidos susceptíveis de lhes poderem ser imputados se encontrem exaustivamente predefinidos em termos inequívocos, então encontrar-se-á a nossa liberdade de pensar e de agir encarcerada em tais comandos pré-ditados. Não seremos então mais do que meros robots executantes das instruções e das funções contidas no *software* que nos programa. Pense-se na Novilíngua de Ingsoc *ficcionada* por Orwell na sua obra Mil Novecentos e Oitenta e Quatro.

3. Se nos predispusermos a reflectir um pouco sobre o ambiente que nos rodeia, facilmente nos aperceberemos que nunca como neste nosso tempo a tentação de robotizar o homem foi tão grande e encontrou condições tão propícias à sua consumação. Com efeito, esta nova escravidão não é apenas mero tema dos devaneios da ficção literária, mas antes algo cuja iminência deve despertar a nossa meditação.

O melindre e a delicadeza que o problema encerra exigem que se encontre resposta para duas ordens de perguntas, a saber: 1ª quem edita a linguagem que hoje nos comanda e por que meios é processada? 2ª que tipo de linguagem nos é ditada?

3.1. Relativamente à primeira pergunta, impõe-se responder que a linguagem que nos comanda é editada, em primeira linha, pelos que detêm o poder dos *media*, sendo processada por sistemas informáticos e telemáticos. Na verdade, o universo de signos que nos absorve desde a fecundação até ao sono de Morpheu é um universo mediatizado e informatizado, prejudicando os lugares mais recônditos da nossa convivência.

Por um lado, tornamo-nos, gradualmente, em sujeitos transparentes em virtude da cristalização operada pelos arquivos informáticos de dados pessoais. Pense-se na importância para uma instituição financeira, que tem na mira a maximização do lucro pela diminuição do risco, do acesso às informações sobre as convicções políticas e religiosas, a conta bancária, a saúde, o código genético, e mesmo os hábitos sexuais de um candidato a

uma apólice de seguros ou a um empréstimo bancário. Não é por acaso que o mercado dos serviços de informação se apresenta como um dos mais prósperos, assistindo-se, paralelamente, a uma inflação de leis, quer a nível nacional quer internacional, tendentes a proteger o direito fundamental de privacidade contra a devassa informática.

Por outro lado, o consumidor/eleitor apenas acede à informação de que carece para a escolha de um automóvel ou de um líder político nos termos em que essa informação se lhe apresenta mediatizada pelos seus emissores. As suas fronteiras são, *a priori*, delimitadas pelos senhores da informação e da publicidade. Nestes termos, é também um lugar comum dizer-se que o que não está na televisão não está no mundo.

A televisão, mais do que os restantes meios de comunicação como a rádio e a imprensa, assume-se ainda como o filtro selectivo e o referente primeiro da convivência das massas, resistindo à "guerrilha" dos novos *media* interactivos e integrando-os. De braços caídos no fim da jorna, o «televisionário» entrega-se indefeso à magia persuasiva da publicidade das marcas, à inesgotável perspicácia dos comentadores de ocasião, à criteriosa escolha dos eventos dignos de registo, absorvendo, sem se aperceber, as palavras que vai repetir, as modas que vai seguir, a opinião que vai perfilhar. Sofrendo de um incurável complexo do botão, pois que quando muito muda de canal, o «televisionário» rende-se perante este quarto poder.

É a televisão o Grande Irmão que vela por nós, sentando-se à cabeceira da mesa, cuidando do que cada um precisa de saber sobre o mundo e sobre si próprio e fornecendo as actualizações automáticas.

3.2. Quanto à segunda pergunta, o tipo de linguagem que nos é ditada pelos media é uma linguagem do mercado. O nosso tempo não é já o das sociedades disciplinares da modernidade, assentes institucionalmente no «panóptico», e comandadas pela linguagem da fábrica.

Atenta a globalização dos mercados que a Revolução das Comunicações tornou possível, o primado da planificação calculadora e da disciplina da produção cedeu, via de regra, à lógica do controlo do mercado, à lei da oferta e da procura regida pelos comandos da *ratio* do *marketing*. São os comandos da normalização, da performance, da eficácia, que, em última análise, reduzem o Homem ao estatuto funcional de produtor/consumidor, em obediência ao *Diktat* economicista e tecnocrático.

Por outro lado, tendo a Revolução das Tecnologias da Informação transformado este Mundo numa pequena Aldeia Global, pela primeira vez desde o episódio bíblico da Torre de Babel, podem todos os homens da Terra falar uma mesma linguagem: a linguagem do mercado das sociedades de consumo.

4. Nesta ordem de ideias, a Civilização Cibernética emergente carrega no seu ventre o gérmen do «Homem autómato», robotizando o ser humano por via da sua programação pelos media segundo o *software* da linguagem do mercado. Neste quadro, a dignidade de cada Homem seria aferida pela sua utilidade enquanto produtor/consumidor e pelas suas possibilidades de re-programação e de reciclagem, ficando os seres humanos sujeitos à escravidão do consumismo ditado pela tirania do *marketing* exercida pelos media à escala mundial.

Ora, sob pena de esta Civilização Cibernética que desponta no Terceiro Milénio pouco ter de humanamente civilizada - no sentido de ser composta por Homens, i.e. seres humanos livres, iguais e fraternos -, urge um novo fôlego para o Humanismo solidário, que resista ao *Diktat* economicista e tecnocrático. Impõe-se, por conseguinte, ver o Homem para além da Máquina!